



Minha parceria com Vicente

*Marena Isdebski Salles**

Algum tempo depois do falecimento de Vicente Salles, conversando com a professora Maria Alice Volpe, ela me pediu um texto em que eu falasse de como era minha parceria com Vicente. Resolvi abordar alguns aspectos de nosso cotidiano, quer nas pesquisas, quer na vida comum.

PRIMEIRO TEMPO

Quando, em 28 de junho de 1965, casei-me com Vicente Salles, não tinha como avaliar o homem a quem eu unira meu destino. Com a convivência, fui descobrindo a sua grandeza.

Na época, eu me graduei na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Em seguida, fiz pós-graduação e especialização em violino (na época não existia mestrado e doutorado em música). Eram muitos trabalhos e pesquisas durante o curso. Nos momentos em que eu escrevia as monografias, ele vinha me ajudar. Trazia um ou mais livros ou revistas sobre o assunto abordado e me ensinava como organizar o texto.

Ele sempre datilografava meus trabalhos, pois eu nunca tinha trabalhado com máquina de escrever. Note-se que ele passou no concurso do antigo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), em um dos primeiros lugares, como datilógrafo.

Enquanto ele melhorava os meus trabalhos, eu transcrevia para pauta musical as músicas registradas por ele, em fitas de rolo ou cassetes, em suas pesquisas de campo. Era um mundo novo para mim.

Nós nos ajudávamos sem interferir na vida profissional um do outro. Havia um respeito mútuo, mas ao mesmo tempo nos sentíamos dois seres em simbiose. Ele participava de minha vida musical, orientando-me historicamente, e eu, de suas pesquisas folclóricas, musicológicas ou em pesquisas de campo, ajudando em registros sonoros, fotográficos e textual de entrevistas. Fico a imaginar que nós dois embarcamos em uma canoa da vida, descendo por um grande rio em direção ao mar. Foi um longo trajeto que resultou numa grande parceria.

* Pesquisadora independente. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: marenasalles@gmail.com.



Sua memória era prodigiosa. Um dia, eu estava em casa, quando ele me telefonou de seu trabalho para que eu verificasse um texto: “Marena, você verifica para mim o quinto livro da terceira prateleira da biblioteca no corredor? Olhe na página 16, segundo parágrafo. Leia para eu conferir o que eu escrevi de memória.” Este episódio se repetiu várias vezes.

PESQUISA NO ENGENHO CAFEZAL

Em 1968, no Pará, pegamos um barco pesqueiro, denominado regionalmente de vigilenga, e atravessamos a Baía do Guajará em direção ao canal Carnapijó. Como o Engenho Cafezal era mais longe, ficamos hospedados em uma casa à beira desse imenso canal, considerado um dos mais perigosos.

Ali presenciamos um pouco da vida e das credices da população ribeirinha, onde está o “imaginário amazônico”, segundo Paes Loureiro. Aprendi que o Pajé Sacaca anda por baixo das águas e é preciso tomar cuidado, pois ele pode levar as pessoas para o fundo das águas. É um mundo mágico, onde Vicente e eu resolvemos pescar com anzol no trapiche da fazenda, à noite. Pela hora, a cabocla ficou apavorada com medo do “povo das águas”, alertando que “Ele pode levar a gente para o fundo do rio”. Quando o anzol que Vicente jogou começou a puxar, dando a impressão de que era um peixe grande, a cabocla chamou outro caboclo, que veio com um terçado enorme. Após vários puxados ao som de reza, caímos na risada ao vermos que era simplesmente uma pedra esponjosa e que a forte correnteza do rio puxava a pedra.

No dia seguinte, fomos para o Engenho Cafezal em um barco pequeno. Do rio, avistamos a casa-grande e a senzala. Era uma imagem lindíssima. Tiramos muitas fotos daquele exemplo da casa-grande, senzala, capela, sumidouro e o engenho. A sala era de tábua corrida com um belo castiçal. (Gilberto Freyre tirou uma foto sentado nas escadarias externas da casa e disse que era um dos exemplos de casa-grande & senzala mais perfeitos na região). Ficava perto da cidade de Abaetetuba. Anos mais tarde foi derrubado pelo proprietário, quando o Iphan noticiou que ia tombá-la.

O MUNDO MÍTICO DA AMAZÔNIA

Vicente conhecia profundamente o imaginário amazônico, com seus mitos, lendas e credices. Esse mundo mítico parecia correr em suas veias. Claro que, com a formação em Ciências Sociais e Antropologia, ele desenvolveu a percepção de utilizar esse mundo mítico a seu favor, desarmando os mal-intencionados. Era um jogo interessantíssimo, dialético marxista.

Quando criança em Castanhal, brincando com outros meninos na mata, uma cobra o mordeu. Uma cabocla sugou o veneno de seu braço, eliminando o veneno



e, em seguida, botou cinzas para cicatrização. Este ato na crendice da região permite que a pessoa fique com o corpo fechado. Em janeiro de 1954, pesquisando bandas de música carimbó e outros folclores da região do Salgado, deteve-se na Ilha de Algodoal, atraído pela história de Maiandeuá, cidade encantada no fundo da lagoa, entre as dunas. Em um ritual de pajelança, teve seu corpo novamente fechado pelo pajé Atanásio. Comento esse fato como uma curiosidade das pesquisas de Vicente, pois ele era materialista.

RIO DE JANEIRO

Vicente trabalhava na antiga Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB) e acompanhava Edson Carneiro em festas folclóricas. Uma noite, Vicente me levou para a favela da Praia do Pinto, que ficava às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Leblon, para assistir a um concurso de Folia de Reis. Lá encontramos Edson Carneiro e o pessoal da antiga Campanha de Defesa do Folclore. Não me lembro a data, mas foi no mês de janeiro. Do júri, só me lembro de Edson Carneiro e Vicente. Eu acabei participando do evento. É incrível como a criatividade popular revela suas tradições. Quando estavam à frente do júri, os grupos se esmeravam para causar a melhor impressão. Um detalhe: eles estavam todos bêbados, pois a cachaça rolava fácil. Fiquei encantada com o desfile.

Particpei de muitos outros eventos no Rio de Janeiro e também de congressos de folclore em outros estados do Brasil. Vicente me proporcionou o contato com folcloristas e estudiosos da Comissão Nacional de Folclore e outros intelectuais com quem ele trabalhava no Conselho Federal de Cultura do antigo Ministério da Educação e Cultura (MEC).

FILHOS

Geramos três filhos: Marcelo, Mariana e Márcia. Vicente estava sempre atento ao desenvolvimento dos três. Desejava que todos seguissem a profissão de músico. Marcelo e Mariana tornaram-se músicos e professores. Márcia não quis a música e seguiu a carreira de administração, mas desenvolveu uma percepção musical invejável e optou pela música popular.

Ele tinha um orgulho muito grande do desenvolvimento profissional e artístico dos três. Acompanhava tudo o que eles realizavam. Ensinou aos três como dirigir automóvel. Tinha uma enorme paciência, e atualmente todos dirigem muito bem. São eles que me ajudam nas tarefas da divulgação da obra de Vicente.



MENELEU CAMPOS

Em 1972, ano do centenário do compositor paraense Meneleu Campos, participei com Vicente da organização de seu acervo musical. Durante quatro meses, aos sábados e domingos, trabalhávamos separando e organizando as partituras. Na página 55, nº 258, do Catálogo de Obras de Vicente Salles publicado pela Academia Brasileira de Música, em 2009, consta: “Centenário de Meneleu Campos”. Revista de Cultura do Pará, Belém, 2 (8/9): 159-202, jul./dez. 1972. A vida e a obra do compositor paraense com catálogo (120 títulos) elaborado por Marena Isdebski Salles, resumo da ópera *Glí Eroí*, ilustrações, reproduções de obras e bibliografia”.

Tempos depois, a proprietária do acervo quis se desfazer dele. Vicente entrou em contato com Mercedes Reis Pequeno, para que o acervo fosse resgatado para a Biblioteca Nacional, Seção de Música. Assim, foi salvo um arquivo inteiro, que tem servido a muitas pesquisas musicológicas e execução de obras em concertos.

BRASÍLIA

Em 1975, Vicente foi indicado para dirigir o escritório da representação do Conselho Federal de Cultura em Brasília. Mudamos em agosto do mesmo ano. Em seguida, fui convocada a trabalhar na Escola de Música de Brasília, da Fundação Educacional do Distrito Federal. Eu ministrava aulas de violino, música de câmara e prática de orquestra.

Alguns alunos desta escola resolveram editar o jornal *Nota Musical*, no ano de 1991, com a orientação do professor Claver Filho, que, além de musicólogo, era jornalista. Eu tinha uma página neste jornal e redigia textos sobre violinistas e músicos do passado, e outros assuntos resgatando a nossa memória. Também tive a oportunidade de escrever no *Jornal dos Músicos*, da Ordem dos Músicos de Brasília, e no *Apollon Musagète*, de Curitiba (1994). Todos esses textos eram revistos, melhorados e datilografados por Vicente.

MEUS LIVROS

Um dia, Vicente teve a ideia de reunir esses textos em um livro, *Arquivo Vivo Musical*, contendo “Nove figuras da música brasileira”, “O violino e a arte do lutiê” e “O violino no Brasil”. Foi editado pela Thesaurus Editora de Brasília, em 2007.

Nossa parceria continuou com o livro *Marcos Salles: uma vida*, também editado pela Thesaurus, em 2010. Trabalhamos neste livro por cerca de 15 anos. “Tenho muito, muitíssimo a agradecer a este historiador maravilhoso que é meu marido. Sem sua ajuda, não teria conseguido estruturar a biografia de meu pai dando uma linha lógica, colocando-o dentro de seu tempo, do espaço e da sociedade a qual ele



viveu”. Assim me refiro no livro à parceria com Vicente, que foi o grande mentor da produção final da publicação.

Quando eu preparava minhas palestras, ele sempre dava um toque final, dando-me ideias de como desenvolver o texto, colocando o assunto dentro de um contexto da época do evento.

O INFORMANTE

Vicente sempre informava as fontes de suas pesquisas. De um modo geral, eram fontes primárias.

Presenciei muitos pesquisadores e músicos que o procuravam para consultas musicais, históricas, antropológicas ou folclóricas. As informações eram precisas: qual a biblioteca ou acervo em que se encontrava o objeto da pesquisa, o livro, a revista ou o jornal. Muitas vezes ele dava algumas informações novas e desconhecidas às pessoas que o consultavam.

No Museu da Universidade Federal do Pará está incluso o Acervo Vicente Salles, que foi adquirido por esta entidade na década de 1990. De 1996 a 1997, Vicente Salles dirigiu o Museu da UFPA, organizando o seu acervo de partituras manuscritas e impressas, discos, fitas, imagens, recortes de jornais, livros, folhetos, implantando projetos de pesquisa da cultura popular, do cantochão, bandas de música, caricatura, reedição de folhetos de cordel e de partituras musicais por meio do computador. Seu sonho era que este acervo se tornasse objeto de inúmeras pesquisas, monografias e defesas de teses de mestrado e doutorado, além da ideia de continuação do estudo da história do Pará.

Eu participei de grande parte dessa coleta de documentação. Vicente sempre procurou acervos de pessoas que queriam se desfazer do papel velho. Visitando o acervo do violinista paraense Alberto Falcão, há pouco falecido, encontramos, para minha surpresa, uma peça para violino e piano, “Improviso opus 6”, editada em Bolonha, Itália, por A. Comellini & C., durante seus estudos na Real Academia Filarmônica (1907 a 1910). Eu não possuía essa edição e a desconhecia. Resultado: compramos todo o acervo. Dessa forma, fomos construindo a nosso acervo particular.

CULTIVO DA TERRA

Outra parceria nossa foi com a terra. Compramos uns lotes nas cercanias de Brasília. O terreno foi todo murado. Aos domingos pela manhã, íamos plantar em companhia dos nossos três filhos. Plantamos mandioca, abacaxi, limão, maracujá, manga, abacate, goiaba, milho e algumas hortaliças. Era uma maravilha ver Vicente de enxada na mão, escavando a terra para plantar. Era uma alegria a gente mexer na



terra e preparar o nosso alimento. Mandamos cavar um poço para podermos molhar as plantas. Durante a semana, um senhor cuidava do terreno para nós. Depois, o loteamento foi ficando cheio de gente e nós não conseguimos mais colher os frutos de nosso labor. Resolvemos vender. Era muito triste, pois as pessoas arrancavam as frutas verdes e as jogavam no chão.

VIAGENS

Vicente gostava muito de dirigir o carro. Viajamos muito entre Rio de Janeiro e Brasília e também entre Brasília e Belém. Era muito gostoso. Nós dois nos revezando na direção e as crianças no banco de trás. Presenciamos a devastação da floresta no Sul do Pará. Nas primeiras vezes atravessávamos densas florestas. Uma vez passamos por uma nuvem de borboletas azuis, verdes e amarelas. Paramos para admirar essa maravilha da natureza. De outra vez, tivemos que parar para que uma boiada passasse. As crianças ficaram apavoradas pois os bois cheiravam o carro e ficavam nos olhando através dos vidros. Com o passar dos anos, as margens da estrada tornaram-se um descampado a perder de vista. Vicente sempre aproveitava para fazer suas pesquisas de campo nessas viagens. Numas delas, pesquisou, no Sul do Pará, a literatura de cordel. Essas viagens eram sempre uma aventura.

A partir de outubro de 2002, quando entrei em licença médica e depois me aposentei, passei a acompanhar Vicente em todos os eventos: viagens, homenagens, palestras e pesquisas. Foram momentos emocionantes de nossa vida. Hoje, olho para o legado de Vicente Salles e chego à conclusão de que há muito a ser descoberto sobre sua obra, não só a publicada, mas a inédita, que nos revelará muitas surpresas. Ainda não conhecemos a dimensão da obra de Vicente.